

Os *Cynocephalus* e os *Úlfheðnar*: a representação do guerreiro canídeo na *Historia Langobardorum* (séc. VIII) e na *Egils saga* (c. 1230)

The “cinocephalus” and the “úlfheðnar”: the representation of the wolf-warrior in the *Historia Langobardorum* (VIII century) and the *Egils saga* (c. 1230)

Jardel Modenesi Fiorio
Renan Marques Birro¹

Resumo: Este trabalho relacionou principalmente a *Historia Langobardorum* (séc. VIII) de Paulo Diácono (c. 720-799) e a *Egils saga* (c. 1230) de Snorri Sturluson (1178-1241). Analisamos as obras na perspectiva da guerra como um jogo e estes dois conceitos como elementos culturais, nos liames da definição de *longa duração braudeliana*. Nosso objetivo foi encontrar paralelos entre a literatura germânica da Alta Idade Média e a literatura islandesa sobre os guerreiros canídeos.

Abstract: This article analyses the *Historia Langobardorum* (VIII century) written by Paul the Deacon (c. 720-799) and the *Egils saga* (c. 1230) written by Snorri Sturluson (1178-1241). We studied the works under the perspective of the war as game and these both concepts as cultural elements, in the ties of Braudelian *long duration definition*. Therefore, we intended to establish connections between the early Germanic literature and the Icelandic literature about the wolf-warriors.

Palavras-chave: Guerra; Lombardos; Islandeses; Idade Média; Mitos.

Keywords: War; Lombards; Icelanders; Middle Ages; Myths.

I. O Jogo, o Mito, a Guerra e a Longa Duração

O jogo é uma prática voluntária, regido por certos limites e regras obrigatórias, dotado de um valor intrínseco de finalidade, de emoções e de uma consciência que transcende a realidade. Dessa forma, ele é um fenômeno que não se limita aos seres humanos, pois também está presente entre os animais.

¹ Alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo, lotados no projeto de pesquisa *A Guerra no Mundo Antigo e Medieval: de Végécio (séc. IV) ao conde de Barcelos (séc. XIV)*, de autoria do Prof. Dr. Ricardo da Costa (www.ricardocosta.com). E-mails: www.jardel@gmail.com; renan@escandinaviamedieval.tk.

O jogo possui uma função significante: o que está “em jogo” sempre transcende às necessidades imediatas e pragmáticas da vida, e confere uma razão à ação. O jogo perpassa a realidade humana com a impossibilidade de se fundamentar em elementos racionais, pois, caso contrário, se limitaria à humanidade.²

Por se afastar da realidade e por se basear em elementos irracionais, muitas vezes o jogo se relaciona com o mito. Este é um relato simbólico, uma justificativa retrospectiva dos elementos fundamentais que formam a cultura de um grupo. Ele cumpre uma função peculiar, pois está em íntima ligação com a natureza da tradição e a permanência da cultura.

O mito tem a função de revigorar a tradição e oferecer-lhe mais valor e prestígio, e a vincula à mais elevada e sobrenatural realidade dos primeiros acontecimentos.³

O mito transcende o mundo material e ascende ao sagrado, e produz uma idealização do outro mundo. Assim, o relato simbólico é utilizado como um modelo para a vida real, para as instituições, e tonifica o sentimento de pertença dos indivíduos a um determinado grupo.⁴

Os modelos que abrangem uma perspectiva temporal de longa duração são constituídos com base nos mitos. Como Braudel disse certa vez, “os mitos, lentos para se desenvolverem, correspondem, eles também, à estruturas de extrema longevidade”. Portanto, a perspectiva de uma pesquisa só atinge êxito quando atinge a base da História, isto é, aos vínculos primevos do parentesco, aos mitos, aos cerimoniais e às instituições.⁵

Estas estruturas duradouras permanecem vivas nos liames do irreflexo coletivo, pois ultrapassam as circunstâncias históricas e sociais de uma época. São originárias de heranças remotas, de crenças, dos medos, dos sentimentos e de inquietações antigas irradiadas ao longo do devir histórico.⁶

Nesse ínterim, o mito se assemelha a uma peça de teatro. Os indivíduos assumem a condição simultânea de atores e expectadores desta encenação, como em um jogo. No entanto, esta realidade se mantém apenas durante o

² HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993, p. 3-15.

³ “Mito”. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 674.

⁴ HUIZINGA, *op. cit.*, p. 7, nota 2.

⁵ BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p. 69 e 107.

⁶ BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 42.

espetáculo, o que não impede, por sua vez, uma ausência temporária de distinções e alterações das posições sociais.⁷

O conjunto das emoções individuais que constituem as estruturas da História forma uma espécie de instituição unificadora de um determinado grupo social. Este garante a segurança dos indivíduos que o compõe. As emoções são reguladas à maneira de um ritual, como um simulacro da vida cotidiana que une os indivíduos e os instiga a adotar uma emoção comum.⁸

Uma das formas de exteriorizar um sentimento coletivo é a guerra: ela abrange questões que se encontram além do campo político. Afinal, ela sempre é uma expressão cultural, uma determinante de representações culturais e, não raro, a própria cultura em si.⁹ John Keegan considerou a guerra

[...] quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei.¹⁰

Os aspectos elencados do jogo, do mito e da guerra se encaixam muito bem nas sociedades medievais germânicas, pois, como veremos, o mito transportava seus elementos divinos e transcendentais para o cerne do campo de batalha.

II. A Literatura Latina Medieval

Após a queda do Império Romano do Ocidente, os múltiplos aspectos da vida econômica, social, administrativa e intelectual não desapareceram do anoitecer ao alvorecer, pelo contrário, sobreviveram até a época carolíngia.¹¹

As permanências foram tão fortes – sobretudo o caráter lingüístico – que tornaram possível a assimilação dos germanos. Estes se romanizaram, e permitiram a continuidade da língua latina, além de introduzirem novos elementos.¹²

⁷ LLOYD, Christopher. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995, p. 98.

⁸ FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 231.

⁹ KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 28.

¹⁰ *Ib.*, p. 19.

¹¹ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978, p. 125.

¹² CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1979, p. 26.

De certo, a língua falada era mais vulgar, mais sujeita a transformações e influências germânicas; a língua literária era mais petrificada, menos sujeita a modificações.

Foi neste estilo em que a sobrevivência do latim ficou mais presente.¹³ Na Itália, a sobrevivência do latim clássico foi mais pujante, pois as escolas de gramática não desapareceram, como, por exemplo, as de Milão, Roma, Ravena, Salerno e Nápoles.¹⁴

Após sua coroação, em 800, Carlos Magno (747-814) pretendeu renovar o Império Romano. Sua política visou a uma sólida centralização do reino Franco, particularmente no campo administrativo. No plano intelectual, ele incentivou uma reforma eclesiástica e escolar, conhecida como *renascença carolíngia*,¹⁵ e foi o responsável por conservar a herança de Roma.¹⁶ Dessa maneira, o *renascimento carolíngio*, a *renovatio*, alçou o latim medieval a um passo importante, com um retorno às letras clássicas.¹⁷

No entanto, a renascença carolíngia não só retomou a tradição antiga; também criou suas próprias obras e rompeu com alguns costumes romanos, pois estava permeada pelos hábitos germânicos. Assim, surgiu uma nova configuração na Europa, romano-germânica, sob a égide da Igreja.¹⁸

Os estudiosos foram outro elemento de destaque na *renascença carolíngia*. No início, eles provinham majoritariamente dos locais mais afastados do centro do Império Franco,¹⁹ principalmente da Itália como, por exemplo, Paulo Diácono (c. 720-799).

III. As crônicas medievais

Uma das heranças que a narrativa medieval recebeu foi, em boa medida, a da tradição ciceroniana que, por sua vez, se dividia em *fabula* (aspectos fictícios e

¹³ JOSE HERRERO, Vitor. *Introducción al estudio de la filología latina*. Madrid: Editorial Gredos, 1965, p. 129.

¹⁴ *Ib.*, p. 151.

¹⁵ A *renascença carolíngia* (séc. VIII-IX) foi um movimento cultural com o intuito de sistematizar o ensino e reformar o clero franco. Carlos Magno (c. 747-814) foi o grande incentivador da *renovatio*. Ele atraiu para sua corte uma gama de eruditos, que se reuniam no palácio real e promoviam debates literário-filosóficos. “Carolingian Renaissance” In: FRASSETTO, Michael. *Encyclopedia of barbarian Europe: society and transformation*. California: ABC-CLIO, 2003, p. 98-102.

¹⁶ HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Difel, 1981, p. 43-46.

¹⁷ CARPEAUX, Otto Maria, *op. cit.*, p. 128, nota 11.

¹⁸ CURTIUS, Ernst Robert, *op. cit.*, p. 26, nota 12.

¹⁹ *Ibid*, p. 50.

imaginação), *argumentum* (hipóteses plausíveis) e *historia* (narração de eventos reais e factuais).²⁰

A essência das crônicas era uma composição que mesclava cronologia com a narrativa de fatos reais e fabulosos provenientes de tempos remotos. Assim, elas receberam o enriquecimento de elementos estilísticos da literatura.²¹

As crônicas latinas faziam parte da educação escolar do homem medieval. Marcadas pela presença de mitos, lendas e aspectos cristãos, a narrativa apresentava a subjetividade do autor.²²

O papel das crônicas era definido pela audiência, ou seja, a comunidade na qual estes documentos eram lidos. Elas eram normalmente encomendadas por um soberano, um lorde local ou um abade, desejosos de legar à posteridade os feitos de um indivíduo, de um povo, de um reino, de uma região, ou mesmo de um monastério.²³

IV. A *Historia Langobardorum*

Paulo Diácono nasceu na Cividale del Friuli, por volta de 720 d.C. Era descendente de uma família de estirpe nobre que acompanhou o rei Albuíno (d. 572) durante sua invasão à Itália, em 568 d.C.²⁴ Ao longo de sua vida, Paulo foi professor e monge. Sua sabedoria o tornou um dos principais eruditos do século VIII, além de uma pessoa de muita influência na corte lombarda e carolíngia do tempo de Carlos Magno (742-814).²⁵

Durante sua infância, Paulo recebeu os primeiros ensinamentos de latim, em uma escola do bispado de sua cidade. Quando jovem, foi enviado à corte de Pavia, na qual permaneceu entre 740 a 750. Nessa época, estudou em uma escola de Gramática e aprimorou seus conhecimentos. Pouco depois, tornou-se diácono e, a seguir, monge. Ele abandonou os privilégios da corte de Pavia e seguiu para Monte Cassino,²⁶ no ducado de Benevento.²⁷

²⁰ DAVENPORT, Anthony. *Medieval Narrative: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 92-96.

²¹ DUMVILLE, David. "What is chronicle?". In: KOOPER, Erik (org.). *The Medieval Chronicle II: Proceedings of the 2nd International Conference on the Medieval Chronicle*, Driebergen/Utrecht 16-21 July 1999. Amsterdam: Rodopi, 2002, p. 4.

²² DAVENPORT, *op. cit.*, p. 100-101, nota 20.

²³ DUMVILLE, *op. cit.*, p. 23, nota 21.

²⁴ PAULO DIÁCONO. *Historia de los Longobardos* (introdução, tradução e notas de Pedro Herrera Roldán). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2006, p. 11.

²⁵ "Paul the Deacon (c. 720-799)". In: FRASSETTO, *op. cit.*, p. 287, nota 15.

²⁶ O mosteiro de Monte Cassino está localizado na cidade de Monte Cassino, a cerca de 130 km de Roma, e pertencia ao ducado de Benevento. Ele foi criado em 529 d. C., por Bento

Por volta de 760-70, Paulo foi tutor da princesa Adelperga, filha do rei Desidério (756-774), na corte de Ariquis II (758-787), de Benevento, esposo da princesa. Paulo fez parte da *Schola palatina*,²⁸ no qual permaneceu na corte carolíngia de 782 a 787.

Neste último ano, ele retornou a Monte Cassino e continuou sua vida de escritor. Foi nesse período que escreveu a *Historia Langobardorum*, sua principal obra. Paulo permaneceu em Monte Cassino até sua morte, no final da década de 790.²⁹

A *Historia Langobardorum* está dividida em VI Livros, num total de 244 capítulos. O Livro I é dedicado ao período mítico (das origens escandinavas até a chegada a Itália), e os outros cinco relatam a invasão à Península até o governo de Liutprando (568-744 d.C.).

Existe mais de cem manuscritos da obra, sinal do sucesso de sua difusão. O mais antigo é o *ms. Com. 585*, da biblioteca do monastério de São Francisco de Assis. A obra contém uma narrativa semelhante a algumas crônicas de escritores como, por exemplo, a de Gregório de Tours (c. 538-594), Isidoro de Sevilha (c. 560-563) e Beda (c. 673-735).³⁰ Os textos desses escritores, a *Origo Gentis Langobardorum*³¹ e alguns contos de tradição oral serviram de base para Paulo.³²

A angústia do autor é um dos motivos prováveis da redação da *Historia Langobardorum*. Isso porque Paulo estava preocupado com o desaparecimento de seu povo, além de tentar guardar sua tradição cultural, muito mais do que fazer um estudo crítico de ordem cronológica dos fatos ou instigar o ânimo “nacionalista” de seus compatriotas frente aos francos.³³

de Núrsia, mais conhecido como São Bento, e erguido sobre a base de uma antiga fortificação romana. Durante a 2ª Guerra Mundial, em 1944, a abadia foi alvo de um bombardeio aéreo, e foi reconstruída posteriormente. Sobre a abadia, ver: www.officine.it/montecassino. Acesso em: 22 de agosto de 2008. Vale ressaltar que o mosteiro guarda uma importante relíquia cristã, a *Regra de São Bento* (disponível em: www.ricardocosta.com, acesso em: 22 de agosto de 2008).

²⁷ PAULO DIÁCONO, *op. cit.*, p. 12, nota 24.

²⁸ Ver nota 15.

²⁹ RUUD, Jay. *Encyclopedia of Medieval Literature*. New York: Facts On File, 2005, p. 497.

³⁰ As obras destes autores encontram-se disponíveis em: www.ricardocosta.com. Acesso em: 24 de agosto de 2008.

³¹ Obra anônima datada do século VII que também narrou a história do povo lombardo. Disponível em: www.thelatinlibrary.com/origo.html. Acesso em: 19 de agosto de 2008.

³² “Paul the Deacon (c. 720-799)”. In: FRASSETTO, *op. cit.*, p. 288, nota 15.

³³ PAULO DIÁCONO, *op. cit.*, p. 29, nota 22.

V. A literatura islandesa medieval

Apesar de situada no extremo norte do oceano Atlântico e ser um dos confins do mundo conhecido na Idade Média, a Islândia não eram uma terra perdida, esquecida ou misteriosa. Após a cristianização da ilha (no verão de 999 ou 1000), uma parcela significativa de islandeses foi progressivamente educada graças à iniciativa eclesiástica.³⁴

Este fenômeno produziu notáveis eruditos, circunstância ímpar que estimulou os principais responsáveis pelos estudos dos textos clássicos. Obras como a *Ilias Latina* (séc. I)³⁵, a *Bellum Catilinae* (séc. I), a *Bellum Jugurthinum* (séc. I)³⁶ e a *Pharsalia* (c. 61)³⁷ faziam parte das leituras e do exercício tradicional de cópias medievais, baseadas na *imitatio*.³⁸

A literatura islandesa medieval se destacou por algumas características peculiares. Uma delas foi a profunda dedicação e preparo de seus letrados em traduzir os textos produzidos no continente, fossem estes do passado ou contemporâneos. O currículo dos clérigos islandeses parece ter superado largamente o de seus colegas do continente. Tamanha dedicação neste ofício produziu mentes argutas e uma expressiva comunidade de letrados em relação à população insular.³⁹

Outro aspecto interessante da produção intelectual desta ilha foi o profundo conhecimento da estrutura literária clássica. Os versados nas letras foram hábeis em perceber as diferenças retóricas entre *historia*, *argumentum* e *fabula*.

³⁴ KARLSSON, Gunnar. *The history of Iceland*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 33-37; 66-71.

³⁵ A *Ilias Latina* (séc. I) é uma versão hexamétrica em latim da *Ilíada* de Homero (séc. VIII a.C.) composta pelo senador romano Publius Baebius Italicus (séc. I). CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press, p. 49-56.

³⁶ A *Bellum Catilinae* (séc. I) e a *Bellum Jugurthinum* (séc.) foram compostas pelo historiador romano Gaius Sallustius Crispus (c. 86-34 a.C.), e abordam a conspiração de Catilina (c. 108-62 a.C.) e a guerra romana contra os númidas. SALLUST. *Jugurthine War: The Conspiracy of Catiline*. London: Penguin Classics, 1963, p. 7-12.

³⁷ A *Pharsalia* (c. 61), também conhecida como *De Bello Civili*, foi composta pelo poeta romano Marcus Annaeus Lucanus (c. 39-65). Este poema épico narrou a guerra civil entre o imperador romano Gaius Iulius Cesar (100-44 a.C.) e Gnaeus Pompeius Magnus (106-48 a.C.). LUCAN. "Pharsalia". In: MERCHANT, Paul. *The Epic*. London: Routledge, 1971, p. 32-34.

³⁸ TÓMASSON, Sverrir. "Old Iceland Prose". In: NEIJMANN, Daisy. *A history of Icelandic literature*. Nebraska: University of Nebraska Press & The American-Scandinavian Foundation, 2006, p. 67-70.

³⁹ *Ibid.*, 68-69.

Caso obedecessem a estes critérios, os textos islandeses pertenceriam à *historia*, produção típica do medievo definida como uma narrativa de uma lista cuidadosa de eventos em ordem cronológica.⁴⁰

Porém, o aspecto mais inerente à redação destes documentos foi o idioma. Uma parte relevante da produção que nos foi legada está em nórdico antigo do oeste (idioma utilizado na Islândia, Ilhas Faroe, Noruega e algumas partes da Irlanda e da face oeste das Ilhas Britânicas durante os séculos IX-XIII).⁴¹ Os eruditos consideraram esse raro empenho uma influência dos monges beneditinos ingleses.⁴²

Assim, no âmbito dos documentos medievais islandeses há um grupo de obras conhecidas como *sagas*. Este conjunto foi considerado por alguns como a mais brilhante literatura medieval produzida em todo o Ocidente.⁴³

A palavra *saga* tem origem do nórdico antigo *segja*, que significa “dizer” ou “contar” um conto ou uma história. Logo, as sagas foram inicialmente transmitidas oralmente, em grandes festividades, audiências e assembléias.⁴⁴ Algumas contêm versos mesclados à prosa, o que atesta sua ancestralidade oral. Esta forma de composição foi um reflexo da *poesia escáldica* na Islândia, pois a ilha também foi reconhecida no continente pelos seus excelentes escaldos.⁴⁵

Os escritores islandeses não se preocuparam em diferenciar as sagas baseadas em fatos reais das recriações de histórias alheias. Assim, há uma gama de material literário com características diversificadas, o que dificulta a classificação e organização da estruturas dessas narrativas. Além disso, na composição das obras percebe-se a influência das obras clássicas, somada a uma profunda preocupação poética, prosaica e estética.⁴⁶

Apesar destas dificuldades elencadas, alguns especialistas dividiram as sagas em gêneros literários. São estes:

⁴⁰ DAVENPORT, *op. cit.*, p. 92, nota 20.

⁴¹ O'DONOGHUE, Heather. *Old Norse - Iceland Literature: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004, p. 5-6.

⁴² WÜRTH, Stefania. “Historiography and Pseudo-History”. In: MCTURK, Rory (ed.). *A companion of Old Norse Literature and culture*. London: Routledge, 2005, p. 157-158.

⁴³ MUSSET, Lucien. *Las invasiones: el segundo assalto contra la Europa cristiana* (siglos VII-XI). Barcelona: Editorial Labor, 1968, p. 71.

⁴⁴ TÓMASSON, *op. cit.*, p. 73-74, nota 38.

⁴⁵ ÓLASON, Vésteinn. “Family Sagas”. In: MCTURK, Rory (ed.). *A companion of Old Norse Literature and culture*. London: Routledge, 2005, p. 101-102.

⁴⁶ O'DONOGHUE, *op. cit.*, p. 22-23, nota 41; TÓMASSON, *op. cit.*, p. 75, nota 38.

- 1) *Sagas dos reis*: histórias contemporâneas ou míticas de reis escandinavos;
- 2) *Histórias nacionais ou pseudo-histórias islandesas*: histórias que remontam aos primeiros colonizadores da ilha (870-930);
- 3) *Sagas dos islandeses ou sagas familiares*: feitos de personagens históricos islandeses que viveram, em sua maioria, no período da colonização;
- 4) *Sagas de cavalaria ou cavaleiros*: reproduções das canções de gesta do continente. Porém, estas foram adaptadas ao contexto e à realidade da Islândia;
- 5) *Sagas legendárias*: narrativas de personagens escandinavos ou germânicos de um passado distante.

Alguns especialistas incluem ainda as vidas dos santos locais como um gênero literário.⁴⁷

Essa classificação ainda abrange uma série de subdivisões, principalmente pela singularidade da estrutura de cada obra em relação ao conjunto das sagas. Isso levou alguns eruditos a desconsiderar a possibilidade de uma estruturação comum nos textos, algo mais evidente nas sagas familiares.⁴⁸

Contudo, as sagas familiares são muito estudadas, pois permitem entrever a transmissão dos mitos, das narrativas e dos valores com o passar do tempo. Elas ainda possibilitam divisar a realidade da Islândia no período da composição das obras, uma vez que os autores utilizavam fatos do passado para justificar ou propor ações no presente.⁴⁹

VI. A *Egils saga*

A *Egils saga* foi escrita por volta de 1330, provavelmente composta pelo poeta, historiador, literato, *lögsögumaður* e *goði* islandês Snorri Sturluson (1178-1241).⁵⁰

⁴⁷ TÓMASSON, *op. cit.*, p. 75, nota 38.

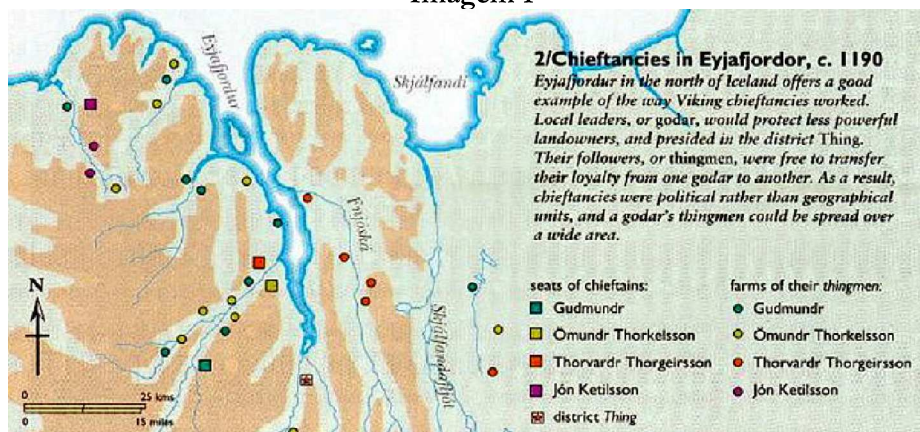
⁴⁸ ÓLASON, *op. cit.*, p. 104, nota 45.

⁴⁹ BOULHOSA, Patrícia Pires. “Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia Medieval”. In: *Signum*, vol. 7, n. 1, p. 13-39, 2005.

⁵⁰ O *lögsögumaður* era um recitador das leis que presidia o *þingi* (assembleia local) e o *Alþingi* (assembleia maior que reunia os representantes das assembleias locais). Este título foi introduzido na Islândia em 930 (BYOCK, Jesse L. “Alþingi”. In: DOBSON, Richard Barrie et al. *Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. London: Routledge, 1993, p. 11). Os *goðar* faziam parte do modelo singular de governo adotado pelos islandeses. Os *bóndi* (fazendeiros) elegiam um *goði* (líder) para o *þingi*. Apenas os *goði* tinham direitos ao voto nas assembleias e os *bóndi* podiam escolher outro representante com certa liberdade. Os *goðar* não se limitavam a critérios territoriais e influenciavam *bóndi* relativamente distantes uns dos outros. Entre estes havia outros *bóndi* sob a influência de outros *goðar*. Confira a

Ela representa um tipo *Íslendingasögur* (*Saga dos Islandeses* ou *Sagas familiares*), chamado de *Skaldasögur* (*Saga de Escaldo*) em razão da concentração da narrativa na vida do poeta-guerreiro Egill Skallagrímsson, que viveu durante os séculos IX e X.

Imagem 1



Mapa de Eyjafjörður (norte da Islândia) em aproximadamente 1190, com a distribuição dos *bóndi* em relação aos *goðar*. Cada *goði* foi representado com um quadrado de uma cor, e seus *bóndi* fiéis com círculos da mesma cor. O *þingi* está assinalado pelo quadrado que contém uma estrela. É notável a disposição irregular dos *bóndi*, o que pode ser justificado por lideranças com unidades mais políticas que geográficas. **Fonte:** Haywood (1995).

No início da saga, os protagonistas são Úlfr (também conhecido como Kveldúlfr)⁵¹ e seus dois filhos, Þórolfr e Skallagrímr. A saga nos conta que Úlfr sofria uma espécie de metamorfose ao anoitecer, pois assumia uma ferocidade que poucos poderiam se opor.⁵² Esta característica também foi transmitida aos seus descendentes.

Essa família se envolveu em um conflito contra o rei norueguês Haraldr inn hárfagri (c. 850-933)⁵³ e, em virtude de intrigas, o monarca assassinou Þórolfr,

imagem da página seguinte. HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the vikings*. London: Penguin Classics, 1995, p. 92.

⁵¹ Em nórdico antigo, o radical *kveldr* significa “noturno” e *úlfr* “lobo”. Logo, Kveldúlfr significa algo como “lobo noturno” ou “lobo do anoitecer”. “Kveld”. In: CLEASBY, Richard; VIGFUSSON, Gudbrand. *An Icelandic-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1874, p. 362; “Úlfr”. In: *Zoëga's: A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Toronto: Toronto University Press, 2004, p. 458.

⁵² SNORRI STURLUSON. *Egils saga*. Editado por Bjarni Einarsson, com notas e glossário. London: Viking Society for Northern Research, 2003, p. 1, l. 18-21.

⁵³ Haraldr inn hárfagri (Haroldo dos Belos Cabelos) (c. 850-933) foi o primeiro rei da Noruega, e prosseguiu a tarefa de seu pai, Hálfðan svarti (Hálfðan, o Negro) (c. 820-860), de unificar todos os nobres noruegueses sob um mesmo comando. BOYER, Régis. “Norway”. In: DOBSON, *op. cit.*, p. 1030, nota 50.

sem motivos concretos. Aqueles que se opunham a Haraldr fugiram da Noruega para evitar a perseguição real, e alguns deles se assentaram na Islândia.⁵⁴

Após a fixação na Islândia, Skallagrimr viveu tranquilamente como um fazendeiro e teve dois filhos: Þórolfr e Egill.⁵⁵ Este último é o protagonista principal da história, e a saga, progressivamente, abordou cada vez mais sua vida.

A infância de Egill foi marcada pela belicosidade. Aos seis anos, ele assassinou um garoto que lhe impingiu uma humilhação.⁵⁶ Pouco tempo passou até que o herói se lançasse às expedições vikings na Escandinávia e Inglaterra. Não demorou muito até que formasse uma rixa de sangue com Eiríkr blóðøx (c.895-954),⁵⁷ filho de Haraldr inn hárfagri.

A saga narra ainda outras batalhas de Egill, suas amizades, e seu envolvimento com seus parentes.⁵⁸ Em vários trechos da narrativa, há poemas do herói que nos permitem distinguir seus sentimentos durante sua vida. A obra nos oferece uma visão realista de uma vida marcada por assaltos marítimos, negociações e lutas familiares, além de nos impressionar pela longevidade do protagonista da saga.⁵⁹

VII. Os guerreiros-cão e os guerreiros-lobo

Na Antiguidade e na Alta Idade Média, a função guerreira dos germanos tinha o duplo significado de soberano e guerreiro, representado e ligado a Oðinn (também lembrado como Wotan).⁶⁰

⁵⁴ SNORRI STURLUSON. *Egils saga*, *op. cit.*, p. 2-35, nota 52.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 42, l. 12-24.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 53-54.

⁵⁷ Eiríkr blóðøx (c. 895-954) ou Eric, *machado sangrento*, foi o filho mais velho de Haraldr inn hárfagri. Ele ficou conhecido assim por ter assassinado seus irmãos para se manter como rei da Noruega, além de governar seu reino de forma despótica. Hákon góði (c. 920-960), meio-irmão de Eiríkr, destronou-o em 934. Eiríkr fugiu então para as ilhas britânicas, e se colocou sob os serviços do rei inglês Athelstan (c. 895-939). DAPHAE, L. Davidson. “Hákon góði”. In: DOBSON, *op. cit.*, p. 257-258, nota 50.

⁵⁸ Para um resumo mais detalhado da obra ver: IÖLSTER, Nelly Egger de. “La figura del héroe en la Saga de Egil”. In: *Temas medievales*, 7, Buenos Aires, 2006, p. 57-74.

⁵⁹ BATTAGLIA, Marco. “Brunanburh nella Saga di Egil Skallagrímsson? Quando la letteratura registra la storia”. In: *Linguistica e Filologia*, 23. Bergamo: Università degli Studi di Bergamo, 2006, p. 161-162.

⁶⁰ DUMÉZIL, G. *El destino del guerrero*. México: Siglo XXI, 1971, p. 03-06.

Oðinn era o deus soberano, divindade com mais devotos entre os guerreiros. Ele estimulava a fúria durante a batalha. O culto odínico fazia parte da euforia do combate, e sua influência na Escandinávia pueril foi inegável.⁶¹

Na Escandinávia pagã, os *berserks* eram os guerreiros campeões, inspirados por Oðinn. De acordo com a *Ynglinga saga*, esses indivíduos lutavam sem proteção, eram ferozes como cães e lobos, mordiam seus escudos alucinadamente, e podiam ser fortes como ursos e javalis. Com apenas um golpe, eles poderiam abater seus inimigos, e eram “imunes” ao ferro das armas e ao fogo. Aqueles que manifestassem estas características estavam acometidos pela fúria *berserker*, a *berserksgangr*.⁶²

A etimologia da palavra *berserker* é complexa e vários eruditos tentaram elucidar sua origem. Alguns acreditam que significava “sem camisa”, clara referência ao costume desses guerreiros de não se protegerem. Outros sugerem que a palavra é a concatenação dos radicais -ber (do germânico *bär*, urso) e -serk (do escocês *sark*, camisa).⁶³

Seja como for, os *berserks* eram uma constante na literatura escandinava. Eles faziam parte da tradição indo-européia dos cultos de guerreiros em frenesi, usualmente conhecidos pelos estudiosos germânicos como *Männerbünde* (sociedades secretas masculinas).⁶⁴ Tratava-se de uma paranóia relacionada à licantria e que, em certas condições, fazia com que o guerreiro sofresse um ataque epilético. Alguns especialistas acreditam que a fúria *berserker* era uma condição hereditária.⁶⁵

A primeira referência a transformações de homens em lobos na Escandinávia e na Germânia surgiu com Santo Bonifácio (séc. VII-VIII)⁶⁶, que registrou esta crença em sua missão entre os germânicos.⁶⁷ A transformação acontecia

⁶¹ DAVIDSON, Hilda Ellis. *The lost beliefs of Northern Europe*. London: Routledge, 1993, p. 76-77; 98-100.

⁶² HEAT, Ian; MCBRIDE, “Angus. The vikings”. *Osprey – Elite series*, vol. 3. London: Reed Consumers Book, 1985, p. 47.

⁶³ “Berserk”. In: CLEASBY; VIGFUSSON, *op. cit.*, p. 61, nota 51.

⁶⁴ “Berserk”. In: LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 75-76.

⁶⁵ HEAT; MCBRIDE, *op. cit.*, p. 47, nota 62.

⁶⁶ Santo Bonifácio (c. 652-754), o apóstolo dos germânicos, foi um missionário no império franco do século VIII. Ele é o santo padroeiro da Alemanha. WILLIBALD. “The Life of Saint Boniface”. In: NOBLE, Thomas F. X.; HEAD, Thomas, HOARE, F. R. *Soldiers of Christ: Saints and Saints' Lives from Late Antiquity and the Early Middle Ages*. London: Continuum International Publishing Group, 1995, p. 107-140.

⁶⁷ “Quid sunt ergo opera diaboli? Haec sunt superbia, idolotatria, invidia, homicidium, detractio, mendacium, perjurium, odium, fornicatio, adulterium, omnis pollutio, furta,

quando o guerreiro vestia ou portava alguma pele de lobo ou urso. Normalmente, essa metamorfose se dava durante o anoitecer, e o guerreiro transformado adotava todas as práticas do animal, inclusive a ingestão de carne proveniente da caça.⁶⁸

Um dos povos germânicos que mantiveram uma ligação com canídeos foram os lombardos, guerreiros de Oðinn escolhidos durante a batalha – “Sicque Winilis Godan victoriam concessisse” (“Assim, Wotan concedeu a vitória aos vinilos”).⁶⁹ A relação com o cão foi assim expressa na *Historia Langobardorum*:

Porro Langobardi cum magnas hostium copias cernerent neque cum eis ob paucitatem exercitus congregi auderent, dumque quid agere deberent decernerent, tandem necessitas consilium repperit. Simulant, se in castris suis habere cynocephalos, id est canini capitis homines. Divulgant apud hostes, hos pertinaciter bella gerere, humanum sanguinem bibere et, si hostem adsequi non possint, proprium potare cruorem.

Ahora bien, los longobardos, al ver las grandes tropas de sus enemigos y no atreverse a chocar con ellos por lo reducido del propio ejército, se pusieron a decidir qué debían hacer y finalmente la necesidad les encontró un plan. Fingieron tener en su campamento unos cinocéfalos, es decir, hombres con cabeza de perro, e hicieron correr entre los enemigos la noticia de que éstos guerreaban con tenacidad, tomaban sangre humana y, si no podían alcanzar al enemigo, se bebían la suya propia". (*Historia Langobardorum* 1, 11).⁷⁰

Os germânicos eram povos caçadores, e o cão era uma ferramenta para a caça. Essa atividade era sagrada, pois o cão tinha um importante papel associado às deidades: protetor e guia para o mundo dos mortos, e guardião (com um caráter destrutivo, pois atacava quem surgisse em seu percurso).⁷¹

Os lombardos são apresentados como um povo germânico feroz e pouco numeroso. Isso demonstra o caráter tribal e o início de sua expansão, quando assentados nas regiões próximas ao Elba, na Mauringa⁷² (atual

falsum testimonium, rapina, gula, ebrietas, turpiloquia, contentiones, ira, veneficia, incantationes et sortilegos exquirere, strigas et fictos lupos credere, abortum facere, Dominis inobedientes esse, phylacteria habere” (Grifo nosso). BONIFACIUS. Sermo XV, *De abrenuntiatione in baptismo*. Patrologia Latina, LXXXIX, p. 870-872.

⁶⁸ “Lycanthropy”. In: HASTINGS, James. *Encyclopedia of Religion and Ethics Part 15*: V. 15. Whitefish: Kessinger Publishing, 2003, p. 208.

⁶⁹ PAULO DIACONO, *op. cit.*, I, 8, nota 22.

⁷⁰ *Ib.*, I, 11.

⁷¹ DAVIDSON, Hilda Ellis. *Roles of the Northern Goddess*. London: Routledge, 2001, p. 48-50.

⁷² MUSSET, Lucien. *Las invasiones: las oleadas germánicas*. Barcelona: Editorial Labor, 1968, p. 82.

Mecklemburg⁷³), por volta dos séculos I a.C.-I d. C. Tácito, contemporâneo ao momento, descreveu:

contra Langobardos paucitas nobilitat: plurimis ac valentissimis nationibus cincti non per obsequium, sed proeliis et periclitando tuti sunt.

Os longobardos se orgulham de seu pequeno número. Cercado de numerosas e belicosíssimas nações, encontram segurança não pelo obséquio das demais ou por submissão própria, mas por meio de combates em que arrostando perigos.⁷⁴

Os guerreiros-cão lombardos eram sinônimos de força e jovialidade, e representavam o futuro da tribo.⁷⁵ Nos lombardos, essa característica destacou-se em seu mito de origem, durante o período de migração da Escandinávia para as terras ao sul do Mar Báltico, promovida por dois jovens irmãos chefes militares.⁷⁶

A imagem dos guerreiros-cão se manteve na tradição oral dos lombardos até o registro de Paulo Diácono. É difícil precisar a dimensão que o cão, o sangue e os guerreiros com cabeça de cão tinham nos ritos lombardos. Porém, estes elementos faziam parte do culto odínico, como dissemos.

As representações de guerreiros com cabeças de cão (ou lobo) também estão presentes em alguns indícios arqueológicos do século VI e VII. Uma matriz para fundição encontrada em Öland mostra um guerreiro com uma máscara canídea, armado e com braços e pernas humanos. Próximo a ele, há uma figura caolha que provavelmente é uma representação do deus Oðinn.⁷⁷

A *Volsunga saga* também registrou esta crença na licantropia, pois o herói Sigmund e seu filho Sinfjotli vestiram peles de lobo, falavam a língua dos lobos e uivavam no momento do ataque. Certamente lobos e ursos foram os animais mais relacionados com o *berserker*.⁷⁸

⁷³ Região ao nordeste da Alemanha, na divisa com a Polónia.

⁷⁴ TÁCITO. *Germania*, XL. Tradução em: <www.ricardocosta.com>. Acesso em: 06 mai 2008.

⁷⁵ DUMÉZIL, G. *op. cit.*, nota 60, p. 07; SPEIDEL, Michael P. *Ancient Germanic Warriors: warriors styles from Trajan`s Column to Icelandic sagas*. London: Routledge, 2004, p. 19.

⁷⁶ PAULO DIACONO, *op. cit.*, I, 3, nota 22.

⁷⁷ BLANEY, Benjamin. "Berserkr". In: DOBSON, *op. cit.*, p. 37-38, nota 50.

⁷⁸ CHARTRAND, R et al. *The vikings: voyagers of discover and plunder*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 102.

Imagem 2



Oðinn em posição de dança. Esta deidade (à esquerda) está em posição frontal e apresenta um capacete com duas serpentes gêmeas, uma espada suspensa na altura do tórax e duas lanças. O guerreiro-lobo, por sua vez, está voltado para o deus. Ele carrega uma grande e grossa lança aristocrática na mão esquerda, enquanto a direita está erguida; veste um saiote com uma cauda acentuada e mantém a boca entreaberta. Esta imagem rememora os rituais de dança ofertados a Oðinn. Talvez neles os indivíduos alcançassem o *berserksgangr*. **Fonte:** Torslunda, Öland. Statens Historiska Museen, Stockholm, inv. nr. 4325.

A *Egils saga*, por sua vez, apresenta passagens que aludem ao êxtase odínico. O camarada de Kveldúlf, Berðlu-Kári, era um *berserkr*. Além disso, cada noite Kveldúlf manifestava uma estranha ferocidade:

Með honum var í félagsskap sá maðr er kallaðr var Berðlu-Kári, gfuðr maðr ok inn mesti afreksmaðr at afli ok áræði; hann var berserkr. [...]

En dag hvern er at kveldi leið þá gerðisk hann styggr svá at fáir menn máttu orðum við hann koma; var hann kveldsvæfr <ok myrginvakr>. þat var mál manna at hann væri mjök hamrammr; hann var kallaðr Kveld-Úlf.

As a young man he used to go off on viking trips looking for plunder, and his partner in these was a man of good family called Berle-Kari, strong and full of courage. He was a berserk. [...]

But every day, as it drew towards evening, he would grow so ill-tempered that no one could speak to him, and it wasn't long before he would go to bed. There was talk about his being a shape-changer, and people called him Kveld-Ulf.⁷⁹

Kveldúlf ainda nos favoreceu com mais uma passagem desse gênero. Ele e os seus manifestaram o frenesi em batalha ao vingar a morte de Þórolfr e eliminar alguns guerreiros de Haraldr:

⁷⁹ SNORRI STURLUSON, *op. cit.*, p. 1, l. 5-7;17-20, nota 52.

Kveld-Úlfr hafði í hendi bryntröll. En er hann kom á skipit, þá bað hann menn sína ganga it ytra með borðum ok höggva tjöldin ór klofum, en hann óð aftr til lyftingarinnar, ok svá er sagt, at þá hamaðist hann, ok fleiri váru þeir förunautar hans, er þá hömuðust. Þeir drápu menn þá alla, er fyrir þeim urðu. Slíkt sama gerði Skalla-Grímr, þar er hann gekk um skipit. Léttu þeir feðgar eigi, fyrr en hroðit var skipit. En er Kveld-Úlfr kom aftr at lyftingunni, reiddi hann upp bryntröllit ok höggtr til Hallvarðs í gegnum hjálminn ok höfuðit, ok sökk allt at skafti. Hnykkði hann þá svá hart at sér, at hann brá Hallvarði á loft ok slöngði honum útbyrðis.

Kveldulf had in his hand a battle-axe; but when he got on board, he bade his men go along the outer way by the gunwale and cut the tent from its forks, while he himself rushed aft to the stern-castle. And it is said that he then had a fit of shape-strength, as had also several of his comrades. They slew all that came in their way, the same did Skallagrim where he boarded the ship; nor did father and son stay hands till the ship was cleared. When Kveldulf came aft to the stern-castle, he brandished high his battle-axe, and smote Hallvard right through helm and head, so that the axe sank in even to the shaft; then he snatched it back towards him so forcibly that he whirled Hallvard aloft, and slung him overboard.⁸⁰

O episódio dos guerreiros cinocéfalos realçado anteriormente na *Historia Langobardorum* ainda permite outra aproximação com a literatura germânico-escandinava mais abrangente graças a outro elemento: o sangue. Nesta passagem da épica lombarda, Paulo Diácono realçou o temor dos inimigos durante o conflito: os guerreiros-cão beberiam o sangue dos seus adversários.

Ademais, a prática de tomar o sangue dos inimigos fazia parte de uma tradição antiga: o vencedor recebia assim as qualidades da vítima. Em algumas culturas, a ingestão de carne e o sangue dos homens mortos inspiravam a coragem, a sabedoria e outras qualidades que se destacassem naqueles homens.⁸¹

Esta prática foi registrada em outros textos germânicos daquele tempo como, por exemplo, na *Canção dos Nibelungos*.

do sprach von tronege hagene | ir edel ritter gvt
swen twinge dvrstes not | der trinche hie daz plvt
daz ist in solher hie | bezer danne win
ez en mach an disen ziten | et nv niht bezer gesin

do gie der recken einer | da er einen toten vant
er kniete im zv den wunden | den helm er ab gebant
do begond er trinchen | daz vliezende plvt

⁸⁰ *Ib.*, p. 36, l. 22-31.

⁸¹ FRAZER, James George. *The golden bough: A study in a magic and religion*. London: Penguin Classics, 1996, p. 598-599.

swi vngevon ers waere | ez dvhte in grozliche gvt
 nv lon iv got her hagene | sprach der mvede man
 daz ich von iwer lere | so wol getrvnchen han
 mir ist noch vil selten | geshenchet bezer win
 lebe ich deheine wile | ich sol iv immer waege sin

do di ander daz gehorten | daz ez in dvhte gvt
 do wart ir michel mere | di trvnchen ovch daz plvt
 davon gewan vil crhepfte | ir etesliches lip
 des engalt an lieben frivnden | sit vil manech waetlich wip.

Um dos guerreiros foi até um morto, ajoelhou-se, tirou seu elmo e bebeu o sangue que corria de seus ferimentos; ainda que não estivesse habituado, achou muito bom. ‘Que Deus vos recompense, senhor Hagen’, disse o homem extenuado, ‘por terdes-me mostrado tão excelente beberagem. Jamais me foi servido melhor vinho! Se eu viver ainda por algum tempo, serei agradecido a vós’. Ao ouvir que lhe agradava, muitos beberam sangue, e com isso seus corpos fortaleceram-se.⁸²

Saxo Gramático (séc. XII)⁸³ também relatou um episódio em que Oðinn aconselhou o herói Hadingus a ingerir o sangue de uma fera para tornar-se mais forte:

Hinc te tendentem profugum ratus hostis impetet, ut teneat vinclis faucisque ferinae obiectet depascendum laniatibus: at tu custodes variis rerum narratibus imple, cumque opor dapibus functos exceperit altus, iniectos nexus et vincula dira relide.

Inde pedem referens, ubi se mora parvula fundet, viribus in rabidum totis assurge leonem, que captivorum iactare cadavera suevit, inque truces armos validis conare lacertis et cordis fibras ferro rimare patienti.

Protinus admissa vapidum cape fauce cruorem corporeamque dapem mordacibus attere malis. Tunc novavis membri aderit, tunc robor nervis succedent inopina tuis solidique vigoria congeries penitus nervosos illinet artus.

Ipsae struam votis aditum famulosque supore conficiam et lenta stertentes nocte tenebo.

Quando partires daqui, crendo que foges, o inimigo te atacará para acorrentar-te e lançar-te às feras, presa a despedaçar e a devorar. Mas tu, de teus guardas encherás os ouvidos de histórias variadas e, quando um sono profundo os

⁸² ANÔNIMO. *Das Nibelungenlied*, XXXVI, 2114-2117. Tradução disponível em: ANÔNIMO. *A canção dos Nibelungos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 324.

⁸³ Saxo Grammaticus (também conhecido como Saxo cognomine Longus, c. 1150-1220) foi um culto clérigo danês sob os serviços de Absalon (c. 1128-1201), arcebispo de Lund. Saxo foi o primeiro a redigir uma história completa da Dinamarca. DUMÉZIL, Georges. *Do Mito ao Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-18.

dominar, após a refeição, livra-te das cordas e das duras correntes que te puseram.

Afasta-te, após ter deixado passar um momento, e precipita-te com toda tua força sobre o leão furioso que está acostumado a brincar com os cadáveres dos cativos. Usa teus músculos vigorosos contra seus flancos terríveis e, com teu gládio nu, rasga as fibras de seu coração.

Faz logo descer por tua garganta o sangue fumegante e tritura essa carne, qual iguaria, sob a mordida de tuas mandíbulas. Então, uma força nova habitará teus membros, então uma firmeza inesperada penetrará em teus músculos, e um fluxo de potente vigor inundará teus braços nervosos.

Eu próprio abrirei o caminho para o teu intento, prostrarei os servidores em profundo sono e os mantereí roncando a noite inteira.⁸⁴

Estas passagens realçam que o hábito de sorver o sangue recuperava e, não poucas vezes, ampliava o poder do indivíduo, fosse a força ou ao conferir-lhe novas e maravilhosas habilidades.⁸⁵

VIII. Considerações finais

A bravura dos guerreiros em batalha foi acentuada com a mescla de homens com cães e lobos. Este ímpeto atravessou gerações em um processo de longa duração. De maneira progressiva, formaram-se novas construções mitológicas, enquanto outras perderam seu vigor.

Inicialmente, no coração da sociedade germânica, os guerreiros canídeos eram combatentes míticos de Oðinn.⁸⁶ Esta condição é evidente no caso lombardo, uma vez que os asseclas odínicos com cabeça de cão foram os fundadores da tribo lombarda e, conseqüentemente, formavam a sua elite guerreira. A expansão em direção ao sul e a influência e adesão de outros povos atenuou o mito dos *cynocephalus*, que permaneceu na coletividade e foi transmitida oralmente.

No extremo norte europeu, o mito dos lobos existiu por mais tempo graças à sobrevivência do paganismo. Assim, a literatura escandinava registrou as melhores informações dos *úlfbeðnar*.⁸⁷

⁸⁴ SAXO GRAMMATICUS. *Saxonis Gesta Danorum*, I, vi., 8. Tradução disponível em: DUMÉZIL, *op. cit.*, p. 55, nota 83.

⁸⁵ *Id.*

⁸⁶ SPEIDEL, *op. cit.*, p. 32, nota 75.

⁸⁷ SPEIDEL, *op. cit.*, p. 27, nota 75.

A imagem dos combatentes acometidos pelo *berserksgangr* sofreu transformações à medida que o cristianismo penetrou na Escandinávia, pois os *berserks* passaram a despontar na literatura, ora como heróis, ora como vilões – um exemplo é a luta entre Egill e Ljótr (*Egils saga*, 66); o oponente do herói era um *berserke* perverso e viciado em batalhas que desposou forçosamente a filha de um camarada de Egill.

Em 1000, o *berserksgangr* foi proibido pelos islandeses, considerado uma prática de culto pagã.⁸⁸

Portanto, como apresentamos neste artigo, a evocação do guerreiro canídeo fez parte de uma herança cultural antiqüíssima das guerras germano-escandinavas. Os homens que manifestavam as habilidades licantrópicas se afastavam temporariamente da realidade, principalmente nos rituais ou nas exibições de fúria espontânea.

Apesar das diferenças em cada caso aqui demonstrado (que realçam as emoções individuais ou de pequenos grupos), esta categoria de combatente reforçava as estruturas das sociedades e foi uma constante no imaginário do período.

A cristianização destes povos quase extirpou elementos enraizados em suas culturas desde tempos imemoriais. No entanto, a imagem dos lobos nunca desapareceu por completo do imaginário europeu. As lendas e contos que incluem lobos permaneceram vivos e coexistem com o cristianismo até a atualidade.

⁸⁸ *Ib.*, p. 66.

Fontes

- ANÔNIMO. *A canção dos Nibelungos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *Das Nibelungelied*. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1870-1880. Disponível em:
 <http://www.hs-augsburg.de/~harsch/germanica/Chronologie/12Jh/Nibelungen/nib_n_00.html>
 Acesso em: 24 out 2008.
- BONIFACIUS. *Sermo XV, De abrenuntiatione in baptisate*. Patrologia Latina, LXXXIX.
- PAULO DIÁCONO. *Historia de los Longobardos*. Introdução, tradução e notas de Pedro Herrera Roldán. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2006.
- PAULUS DIACONUS. *Historia Langobardorum*. Disponível em: <http://www.hs-augsburg.de/~Harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau_lan1.html>. Acesso em 18 mai 2008.
- SAXO GRAMMATICUS. *Saxonis Gesta Danorum*. Disponível em:
 <<http://www2.kb.dk/elib/lit//dan/saxo/lat/or.dsr/0/1/index.htm>>. Acesso em: 10 jun 2008.
- SNORRI STURLUSON. *Egil's saga*. London: Penguin Classics, 1976.
- SNORRI STURLUSON. *Egils saga*. Editado por Bjarni Einarsson, com notas e glossário. London: Viking Society for Northern Research, 2003.
- TACITO. *Germânia*. Disponível em: <www.ricardocosta.com>. Acesso em: 06 mai 2008.
- PUBLIUS CORNELIUS TACITUS. *Germania sive de origine et situ Germanorum*. Disponível em:
 <http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost02/Tacitus/tac_germ.html> Disponível em: 04 out 2008.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATTAGLIA, Marco. “Brunanburh nella Saga di Egil Skallagrímsson? Quando la letteratura registra la storia”. In: *Linguistica e Filologia*, nr. 23, Bergamo: Università degli Studi di Bergamo, p. 151-185, 2006.
- BOULHOSA, Patrícia Pires. “Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia Medieval” In: *Signum*, vol. 7, n.1, p. 13-39, 2005.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- BRAUDEL, F. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 1. vol. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1978.
- CHARTRAND, R et al. *The vikings: voyagers of discover and plunder*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- DAVENPORT, Anthony. *Medieval Narrative: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *Roles of the Northern Goddess*. London: Routledge, 2001.
- DAVIDSON, H. E. *The lost beliefs of Northern Europe*. London: Routledge, 1993.
- DOBSON, Richard Barrie et al. *Scandinavia Medieval: an encyclopedia*. London: Routledge, 1993.
- DUMÉZIL, Georges. *Do Mito ao Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DUMÉZIL, G. *El destino del guerrero*. México: Siglo XXI, 1971.
- DUMVILLE, David. “What is chronicle?” In: KOOPER, Erik (org.). *The Medieval Chronicle II: Proceedings of the 2nd International Conference on the Medieval Chronicle*, Driebergen/Utrecht 16-21 July 1999. Amsterdam: Rodopi, 2002.
- FRASSETTO, Michael. *Encyclopedia of barbarian Europe: society and transformation*. California: ABC-CLIO, 2003.

- FRAZER, James George. *The golden bough: A study in a magic and religion*. London: Penguin Classics, 1996.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- HASTINGS, James. *Encyclopedia of Religion and Ethics Part 15: V. 15*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2003.
- HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the vikings*. London: Penguin Classics, 1995.
- HEAT, Ian, MCBRIDE, Angus. *The vikings. Osprey – Elite series*, vol. 3. London: Reed Consumers Book, 1985.
- HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Difel, 1981.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- IÖLSTER, Nelly Egger de. “La figura del héroe en la Saga de Egil” In: *Temas medievales*, nr. 7, Buenos Aires, 2006, p. 57-74.
- JOSE HERRERO, Vitor. *Introducción al estudio de la filología latina*. Madrid: Editorial Gredos, 1965.
- KARLSSON, Gunnar. *The history of Iceland*. Minneapolis: University of Minnessota Press, 2000.
- KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LLOYD, Christopher. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.
- MCTURK, Rory(ed.). *A companion of Old Norse Literature and culture*. London: Routledge, 2005.
- MUSSET, Lucien. *Las invasiones: las oleadas germánicas*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- MUSSET, L. *Las invasiones: el segundo asalto contra la Europa cristiana (siglos VII-XI)*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- NEIJMANN, Daisy. *A history of Icelandic literature*. Nebraska: University of Nebraska Press & The American-Scandinavian Foundation, 2006.
- O'DONOGHUE, Heather. *Old Norse - Iceland Literature: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- RUUD, Jay. *Encyclopedia of Medieval Literature*. New York: Facts On File, 2005.
- SPEIDEL, Michael P. *Ancient Germanic Warriors: warriors styles from Trajan`s Column to Icelandic sagas*. London: Routledge, 2004.